

A PRÁTICA BISEXUAL MASCULINA COMENTADA¹

Ismar Inácio Santos Filho - PPGLetras/UFPE/CNPq-Brasil²
ismarinacio@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho versa sobre a identidade bissexual masculina e objetiva refletir sobre os discursos acerca dessa prática sexual. O *corpus* para análise se constitui de “comentários” realizados em entrevistas virtuais. No tocante aos procedimentos metodológicos, a coleta de dados se dá pela observação participante, com base no aporte etnográfico/netnográfico e a análise segue as orientações da Análise Crítica do Discurso, a partir dos conceitos de significado acional, representacional e identificacional. A discussão está fundamentada nas pesquisas de Defillipo e Cunha (2005), Fairclough (1997, 2003), Fernandes (2006), Hall (2000), Hoffnagel (2006), Moita Lopes (2003, 2004), Resende e Ramalho (2006), Rocha e Montardo (2005), Seffner (2004) e Silva (1999), dentre outros. De forma aligeirada, podemos dizer que os bissexuais masculinos apontam a prática bissexual como uma outra “possibilidade” na prática sexual, como verificamos na fala de um dos entrevistados: “*está cada vez mais comum homens que nunca tiveram experiências com outros homens descobrir essa possibilidade, não excluindo a forma tradicional*”.

Palavras-chave: análise de discurso; significado representacional; identidade bissexual masculina;

Introdução

Iniciamos este artigo com a fala “É tempo de redescrever a vida social³.”, do professor Moita Lopes, porque consideramos que ela diz muito sobre as necessidades, em tempos atuais, de lançarmos outros olhares para o mundo e enxergarmos por outros ângulos a vida social em suas práticas mais corriqueiras. Esse outro olhar nos ajuda, essencialmente, a repensarmos a nossa condição de humanos e os papéis que temos assumido no convívio diário e também os sentidos que forjam a nossa existência. Assim, é possível que compreendamos que outros sentidos são sempre possíveis e, mais

¹ Este artigo pode ser lido como uma revisão e reorganização/ampliação do texto “A Construção Discursiva *On-line* da Bissexualidade Masculina – identidade de resistência e projeção?” (SANTOS FILHO, 2008). Agradecimentos à professora Dr^a Judith Hoffnagel, pelas leituras e orientações.

² Mestre em Estudos de Linguagem (UFMT) e Doutorando em Linguística (UFPE). Bolsista CNPq – Brasil.

³ Autógrafo escrito em 19 de maio de 2008 no meu exemplar do livro “Discursos de Identidades”, obra organizada por esse pesquisador.

que isso, que outros sentidos estão sendo construídos nas nossas práticas e através das práticas discursivas de toda a humanidade, os quais as ressignificam.

Neste direcionamento, o título deste artigo aponta para a discussão a ser aqui realizada, a qual tem por objetivo analisar os discursos sobre a bissexualidade masculina elaborados pelos próprios bissexuais, em “entrevistas⁴” realizadas virtualmente. Esclarecemos que essa pesquisa é um recorte, bem incipiente, da pesquisa para o doutoramento, que tem como título provisório “A constituição *on-line* da identidade bissexual masculina contemporânea - a participação em conversas tecladas”, a qual tem como pergunta central “O que as conversas tecladas, entre homens que se intitulam bissexuais, apontam sobre esse grupo social e, conseqüentemente, sobre as identidades masculinas, isto é, as masculinidades?”

O texto está apresentado em alguns subtítulos: 1. *Início de conversa ... as metamorfoses ambulantes*, no qual abordamos a internet como um dos fluxos de discursos para a reflexividade (em relação à identidade sexual) apontada por Giddens e a concepção que tomamos como parâmetro para a categorização bissexual; 2. *A coleta de dados*, item no qual falamos sobre a metodologia de coleta e enfatizamos a netnografia como procedimento vital de pesquisa em ambientes virtuais; 3. *Análise crítica do discurso – aporte teórico e metodológico*, etapa em que, resumidamente, tecemos um comentário sobre os fundamentos teóricos e metodológicos que embasam a discussão; 4. *A identidade bissexual masculina – representações e identificações*, parte do texto na qual a análise é realizada, e por fim, 5. *Algumas considerações*.

1. Início de conversa... as metamorfoses ambulantes e a Internet

Vivemos em uma época na qual muitas das práticas tradicionais têm sofrido interferência de um forte dinamismo, fruto da reflexividade apontada por Giddens (1991), isto é, da constante reelaboração das práticas sociais, pelas práticas discursivas locais e globais, devido ao fato de que estamos imersos em múltiplos discursos, os quais nos apresentam variados modos de ser e estar no mundo. Assim, entendemos que, nesse processo de eternas descontinuidades, as práticas sexuais afetivas e eróticas entre homens têm ganhado cada vez mais visibilidade. Contudo, parece que essa visibilidade está quase restrita às experiências homossexuais, possivelmente apagando ou negando as práticas bissexuais – as daquele homem ou daquela mulher que se sente atraído(a),

⁴ As “entrevistas” foram realizadas em algumas salas Cidades do Chat Uol Nordeste, em julho de 2007. Considero importante frisar que ao conversar com os sujeitos que ali se denominavam bissexuais, o gênero discursivo *conversa teclada* sofre uma reacentuação (Bakhtin, 1952-1953/2003), pois, alguns aspectos desse gênero discursivo se cruzam com outros aspectos do gênero *entrevista*. Desta forma, a *conversa teclada* passa a não mais possuir a mesma finalidade/função, que antes era, possivelmente, a de prática sexual. Com a função de *entrevista* e assumindo o enquadre de pesquisa, passa a promover outras participações do “entrevistado” e do pesquisador. Nessas conversas virtuais, doravante denominadas de entrevistas (semiestuturadas), o tópico central foi a bissexualidade e a condição bissexual. Os turnos de fala são de pergunta-resposta e resposta-pergunta, permitindo que o entrevistado comente o que queira.

ama e faz amor com pessoas de ambos os sexos; aquele(a) igualmente heterossexual e homossexual (SILVA, 1999).

Sobre isso, em pesquisa realizada por Seffner (2003), entendemos que em época anterior os indivíduos que praticavam a bissexualidade se encontravam isolados nos seus locais de moradia, pois não tinham parceiros com os quais pudessem vivenciar a identidade bissexual. Todavia, com o advento da internet e com este a possibilidade de “conversas tecladas” em *chats*, programas de bate-papo (como o *Windows Live Messenger*) e outros atuais como o *Orkut*, criaram-se “espaços” nos quais a bissexualidade pode ser experienciada/revelada. Ou seja, o pesquisador anteriormente citado nos faz ver que o advento da internet é de fundamental importância para os sujeitos que são bissexuais masculinos. É salutar também considerar que nesses espaços virtuais, essa identidade é discursivamente construída e reconstruída. Resumindo, a internet é um espaço de visibilidade dessa identidade sexual.

Por isso, e por acreditarmos com Anjos (2000) que essas práticas discursivas, entre homens, além de serem sexuais afetivas e eróticas são também políticas e ideológicas, é que nos aventuramos a estudar os significados que essas práticas assumem nas vidas desses sujeitos que se intitulam e se consideram e estão se (re)construindo discursivamente *on-line* como bissexuais. Em virtude disto, neste trabalho olhamos para os discursos sobre a identidade bissexual masculina, enquanto (re)organização da identidade sexual e, assim, pensamos em questões de cidadania, visto que estamos olhando para os sentidos da bissexualidade através dos olhos do próprio sujeito bissexual.

2. A coleta de dados

Para o estudo, na coleta de dados, usamos o aporte etnográfico/netnográfico (SÁ, 2001 e ROCHA e MONTARDO, 2005), o qual postula que ao pesquisador cabe a aproximação ao grupo de estudos para que a interpretação dos dados possa passar pela “visão do nativo”, ou seja, que a interpretação possa ser fruto de um olhar etnográfico, aquele que se constrói imbricado com o olhar dos próprios sujeitos pertencentes àquela comunidade. Nesta direção, foram realizadas visitas às salas virtuais de bate-papo UOL Nordeste – as salas denominadas Cidades – para uma aproximação com as comunidades ali encontradas que interessava pesquisar.

Antes de realizar as entrevistas, com o intento de coletar comentários sobre a bissexualidade, passei a “conviver” durante uma semana em alguns ambientes virtuais (as salas Cidades Uol Nordeste) para compreender o conhecimento que ali assegura as participações e também para ter noção de quem eram os sujeitos que seriam entrevistados. Sobre esses espaços e as interações realizadas, um aspecto importante a ser considerado é o interesse que se apresenta a partir das conversas ali realizadas. É possível afirmar, com base nos dados coletados que, provavelmente, as salas Cidades são espaços de encontros sexuais, mesmo não sendo salas específicas ou denominadas para esse fim. O quadro abaixo com trechos de falas de alguns usuários aponta para o grande interesse comum nessas salas: a prática sexual. A construção da segunda fala (abaixo) é muito reveladora do desejo com qual o usuário **bebadoafim de fude** entrou

nesse espaço. Sua fala reforça a intenção explicitada também no apelido, pois quando ele diz “com vc”, ao **cueca bi**, constrói o seguinte enunciado: “Cueca bi, estou afim de foder com você.”

(10:28:33) **Afinção de curtir** fala para **Todos**: algum cara afim
(10:45:59) **bebadoafim de fude** fala para **cueca bi**: com vc
(10:50:55) **quero fuder** fala para **Todos**: oi para tdos os homens

Quadro 01 – Trechos de falas que apontam para o interesse com o qual muitos internautas acessam as salas Cidades, do Chat Uol Nordeste.

No tocante ao uso dos apelidos, confirmo o que diz Magda Fernandes (2006). Para ela, o *nickname* usado nas salas de bate-papo tem fundamental importância para o usuário, pois tem a função de atrair parceiros, a partir da primeira forma de construção de identidade nessa virtualidade. Alguns apelidos são elaborados a partir do nome simplesmente, mas, detectamos que a construção da apresentação nessas salas é pautada mais por *nicknames* do que por nomes, provavelmente, porque os *nicknames* significam mais que os nomes (DEFFILIPO e CUNHA, 2005). Nos apelidos usados (abaixo indicados), algumas características são elencadas, tais como a característica física, a idade e algumas intenções ou necessidades. Das salas visitadas, apresento alguns *nicknames*, os quais permitem vislumbrar e denominar essas salas de bate-papo de salas de encontros sexuais.

Marcos hxx, Ativo, Thor-hxx, PAULO BI ATIVO, A3agora hxx, cueca bi, BROTHER (HxH)PAS, Julio bi, BETO BI CAM, deco bi, GUSTAVO A, Bruno kct, diogo ativo, Gustavo Bi, 2 em 1 – H, Rapaz/bi, sério40HxH, HugoBi, IGOR.KER.KASADO, Gosto de transex, gato bi hxx, HH kero Ativo, agora hxx, MACHO.KER.MACHO, Anderson Bi

Quadro 02 – *Nicknames* usados nas salas Cidades de bate-papo UOL Nordeste.

Essas visitas proporcionaram perceber, como evidenciado nos quadros antes citados, que as salas Cidades de bate-papo UOL Nordeste são espaços de encontros sexuais, possivelmente, de encontros bissexuais, visto que muitos *nicknames* ali utilizados (como **PAULO BI ATIVO, cueca bi, Julio bi, BETO BI CAM, deco bi, Gustavo bi, Rapaz/bi, HugoBi, gato-bi hxx, Anderson bi**, etc), assim como as conversas estabelecidas, apontam para esse alinhamento (GOFFMAN, 2002). Essa informação se diferencia da informação apresentada por Magda Fernandes (2006: 11), quando diz que nessas salas “Em geral, os homens procuram estabelecer contatos com mulheres e vice-versa. Com exceção dos salões reservados a homossexuais, a heterossexualidade é predominante”.

De posse das informações citadas anteriormente e na tentativa de compreender a construção discursiva sobre a identidade bissexual masculina, foram realizadas entrevistas com aqueles que se apresentavam como bi ou que apresentavam interesse em teclear com outro homem e denominavam-se bi. Essas entrevistas se constituíram espaços para que falassem acerca do que dizem/pensam sobre a bissexualidade. Nas

primeiras tentativas de abordagem, nas quais entrei com os *nicknames* **Estudante** ou **Pesquisador** e apresentando o propósito da pesquisa, como vemos no quadro abaixo, não obtive sucesso.

(11:38:58) **Estudante** (*reservadamente*) *fala para riido:* cara, sou estudante de pos graduação e to desenvolvendo uma pesquisa sobre bissexualidade na contemporaneidade... na qual a analise será de conversas tecladas no MSN... no momento to tentando ouvir algumas falas sobre ... afim!?

Quadro 03 – Primeira estratégia usada para convidar o internauta para teclar – aquela com a qual na maioria das vezes não obtive respostas.

Em virtude disso, lembrei-me de uma estratégia comentada por Iveuta Lopes (2006) quando se refere ao seu ingresso na comunidade Vila Irmã Dulce, em Teresina/Piauí. A pesquisadora fala que além da não omissão da identidade e do propósito de pesquisa é fundamental que o etnógrafo possua informações sobre a comunidade a ser pesquisada. Assim, resolvi recorrer a uma outra estratégia: ao usar os *nicknames* estudante ou pesquisador, para evidenciar os meus propósitos ali, passei a fazer também outra abordagem, usar as mesmas expressões que os rapazes usam/usavam para convidar o(s) outro(s) para teclar (veja quadro 04) e só em seguida, quando já possuía a sua atenção, é que me apresentava (veja quadro 05). Essa maneira de me aproximar dos internautas naquele espaço surtiu os efeitos desejados para a pesquisa. Contudo, friso que mesmo com essa outra tática, muitos não responderam ao meu “convite” para teclar.

(11:41:58) **Estudante** (*reservadamente*) *fala para Todos:* algum kara bi afim de tc!?
(11:42:30) **H18 Desanimado/Cam** (*reservadamente*) *fala para Estudante:* d ond?
(11:42:59) **THIAGO_WEB** (*reservadamente*) *fala para Estudante:* olá

Quadro 04 – Segunda estratégia usada para convidar o internauta para teclar – aquela com a qual quase sempre obtive respostas (imediatas).

(11:41:58) **Estudante** (*reservadamente*) *fala para Todos:* algum kara bi afim de tc!?
(11:42:59) **THIAGO_WEB** (*reservadamente*) *fala para Estudante:* olá
(11:43:10) **Estudante** (*reservadamente*) *fala para THIAGO_WEB:* eae blz...
(11:43:52) **Estudante** (*reservadamente*) *fala para THIAGO_WEB:* cara, sou estudante de pos graduação e to desenvolvendo uma pesquisa sobre bissexualidade na contemporaneidade... na qual a analise será de conversas tecladas no MSN... no momento to tentando ouvir algumas falas sobre ... afim!?
(11:38:58) **THIAGO_WEB** (*reservadamente*) *fala para Estudante:* Ok
(11:38:58) **THIAGO_WEB** (*reservadamente*) *fala para Estudante:* Vc é quem leva o papo!!!

Quadro 05 – Trecho inicial de uma entrevista que se efetivou.

Com essa segunda estratégia de abordagem, foi possível realizar as entrevistas, das quais, neste trabalho, analiso os comentários de **THIAGO_WEB** e **Sério40HxH**. A análise segue as orientações da Análise Crítica do Discurso, pois, para este arcabouço

teórico-metodológico, o discurso é uma forma de ação social e porque todo texto, independente de sua natureza, presta-se aos estudos críticos (MEURER, 2002). No tópico que segue, esclarecemos as bases desse aporte.

3. Análise crítica do discurso – aporte teórico-metodológico

A Análise Crítica do Discurso é um arcabouço teórico-metodológico para os estudos críticos da linguagem; é uma corrente teórica que parte da premissa de que todas as relações sociais (nas mais diversas práticas) se dão a partir de textos, os quais instauram, sustentam e podem desconstruir essas relações, pois, produzem determinados efeitos de sentido: os discursos, que são entendidos como representação e ação sócio-histórica, bem como prática social. Assim, ao se utilizarem desses recursos, os atores sociais, discursivamente, constroem o mundo, instituindo/negociando sua posição nas interações. Deste modo, para compreender as nuances da vida social, nessa base teórica, é necessário realizar uma análise de perspectiva tridimensional: prática social, texto e discurso. A partir da materialidade linguística e das práticas sociais que estão propiciando as interações, buscam-se os sentidos produzidos – os discursos e as relações de poder.

Fairclough e Wodak, citados por van Dijk (2003: 353), direcionam nosso olhar para os aspectos principais do arcabouço teórico-metodológico dos estudos críticos de discursos. Segundo eles: a ACD interessa-se a problemas sociais; as relações de poder são discursivas; o discurso constitui a sociedade e a cultura; o discurso tem um funcionamento ideológico; o discurso é histórico; a ligação entre texto e sociedade é mediada; a análise do discurso é interpretativa e explicativa; o discurso é uma forma de ação social. No mesmo texto, van Dijk (2003: 352) informa-nos que, nessas bases, “critical discourse analysts take explicit position, and thus want to understand, expose, and ultimately resist social inequality”. Sobre essa meta, Meurer (2005), ao abordar a vertente teórica da ACD, esclarece-nos que os estudos críticos de discurso objetivam alertar sobre o poder constitutivo e ideológico do discurso.

Ainda para constituir esse aparato teórico-metodológico, em um de seus últimos livros, Fairclough (2003) propõe, a partir da recontextualização das proposições de Halliday⁵, que as análises do discurso sejam realizadas com base em três significados: acional, representacional e identificacional. Para cada significado, ele relaciona um outro conceito. De acordo com esse pesquisador, para analisar o significado acional de uma interação, o estudo deve ser o de gênero discursivo, enquanto faceta regulatória do discurso, pois, este é entendido como a ação que instaura as interações; para a análise do significado representacional, é necessário verificar que todo gênero apresenta alguns discursos, isto é, alguns ditos sobre determinados temas, os quais em articulações negam/ofuscam/negligenciam/ostentam o aspecto do mundo abordado, possibilitando, assim, que mundos sejam mantidos, construídos e/ou desconstruídos. Finalmente, para a

⁵ A linguagem é um sistema potencial, ou seja, um sistema de recursos possíveis para “fazer sentido” e possui três metafunções: ideacional, interpessoal e textual.

análise do significado identificacional, a análise deve ser realizada a partir da materialidade linguística, na direção de perceber que identificação o sujeito do discurso tem com os discursos apresentados e também qual o grau de comprometimento apresentado para com a representação esboçada, percebendo, desta forma, a construção e a negociação de identidades no discurso. É com base nas proposições antes explicitadas que, no item posterior, analisamos os comentários sobre a bissexualidade.

4. A identidade bissexual masculina - representações e identificações

Ao falarmos em bissexualidade, estamos fazendo referência às questões de identidade, aqui compreendida como a “posição do sujeito” (HALL, 2000), ou seja, o reconhecimento, a auto-avaliação e auto-decifração (Fischer, 2000), enfim, *modos de ser*. O *modo de ser* é um constructo de natureza sócio-política, forjado ativamente no discurso, em textos e interações. Para Hall (2000), a identidade é uma criação linguística. Sendo assim, é negada a concepção de identidade como uma categoria fixa no sujeito, pertencente a uma essência. Ao contrário, a percebemos como efeitos que produzimos pelas coisas que fazemos. Desta forma, quando nos referimos à bissexualidade, não estamos tratando-a como algo, a priori, que faz parte da essência dos sujeitos investigados, mas, que eles vão, em relação às suas práticas sexuais, se tornando *bissexuais* nas interações, logo, a identidade sexual, assim como todas as outras, de raça, de gênero, etc. são categorias construídas discursivamente em momentos e lugares específicos, portanto, fragmentadas e fluidas. Ainda é importante dizer que a identidade sexual é apenas um dos elementos ou atributos que compõem a identidade social dos indivíduos (HOFFNAGEL, 2006). A identidade, aqui a sexual, é como um fio de algodão, fino e suscetível a rompimentos e a novas construções. Em relação à essa discussão, Moita Lopes (2004) comenta que

(...) podemos aprender a nos construir discursivamente em termos de desejo sexual de modos diferentes por toda vida. A sexualidade é, portanto, dinâmica, o que implica que podemos construir objetos diferentes: podemos nos posicionar, diferentemente, por meio da *performance* de identidades sexuais diferentes. (MOITA LOPES, 2004: 04)

A partir do dito, como já comentamos anteriormente, nosso propósito é o de apenas olhar para os discursos sobre a bissexualidade na contemporaneidade através dos olhos dos próprios sujeitos que são bissexuais, compreendendo como essa prática sexual é por eles pensada. Com a análise dos comentários nas entrevistas com **THIAGO-WEB**, de 34 anos e **Sério40HxH**, de 40 anos, buscamos “acessar” os significados representacional e identificacional, nas proposições de Fairclough (2003). É necessário dizer que esses sujeitos veem essa entrevista como “papo”, para o primeiro, e “ajuda”, para o segundo. Assim, percebemos como eles se posicionam e o lugar de onde falam, pois, para o rapaz de 34 anos, o que diz parece perpassar pela informalidade (uma conversa fortuita), e para o segundo, fica evidente o contributo que ele está ofertando à pesquisa.

Com base nas orientações da ACD, para se interpretar o significado representacional em um texto – as representações elaboradas e apresentadas sobre um “tema” – é inicialmente necessário compreender que as representações são os ditos, entendidos como discursos e que esses “(...) constituem parte do recurso utilizado por atores sociais para se relacionarem, cooperando, competindo, dominando (...)” (RESENDE e RAMALHO, 2006: 71), isto é, “um conjunto de significações construídas socio-histórica e culturalmente”, segundo Celani e Magalhães (2002, apud FERNANDES, 2006: 34). Assim, os atores sociais representam e constroem o mundo a partir do que dizem, sejam o mundo “concreto” ou as possibilidades desse mundo. Desta forma, o dizer está atrelado à forma como o mundo é visto e de qual posição é percebido, sustentando, criando e recriando as relações que são travadas nas práticas sociais. Logo, ao analisar os comentários sobre a bissexualidade, buscamos no texto os ditos sobre essa identidade sexual, verificando também a interdiscursividade, a articulação de diferentes discursos, inclusive com aqueles sobre a heterossexualidade.

Na interpretação dos discursos, destacamos das entrevistas⁶ as palavras e expressões usadas para fazer referência à bissexualidade, como vemos nos sublinhados, nos quadros que seguem (quadros 06 e 07):

(11:47:01) **THIAGO-WEB** (*reservadamente*) fala para **Estudante**: Para mim é prazer.
(11:47:23) **THIAGO-WEB** (*reservadamente*) fala para **Estudante**: A sensação de poder conhecer corpos iguais e diferentes.
Sério40HxH diz:
cara, a bi para mim é o sexo do futuro, porque cada vez mais os homens estão descobrindo outras possibilidades de sexo

Quadro 06 – Respostas ao questionamento sobre o que é a bissexualidade.

Para pensar sobre as escolhas das palavras e expressões usadas para “definir” a bissexualidade, é importante considerar, como comenta Moita Lopes (2004), que a identidade sexual foi/é o aspecto da identidade social mais essencializado pelo determinismo biológico, na tentativa de que a heterossexualidade fosse/seja entendida como a prática sexual “verdadeira”, “pura”, “normal” e “natural” e que, deste modo, qualquer outra identidade sexual fora do projeto da heterossexualidade seria vista como “desvio”. Assim, as palavras e expressões escolhidas pelos bissexuais entrevistados, para significar a bissexualidade, como “prazer”, “conhecer corpos iguais e diferentes”, “sexo do futuro” e “outras possibilidades de sexo” (ver quadro acima), possivelmente, rompem com a normalização/naturalização de uma identidade sexual que se pretende hegemônica, pois, há nesses comentários a proposição de um olhar não preconceituoso, não estigmatizador, ao contrário, um olhar para as “possibilidades”.

No decorrer da entrevista com **Sério40HxH** (veja quadro abaixo), quando se focaliza a declaração (ou não) da prática bissexual, são feitas outras escolhas de

⁶ Informamos que as formatações diferenciadas para as falas dos dois entrevistados se justificam pelo fato de que a entrevista com THIAGO_WEB se realizou no chat Uol e a entrevista com Sério40HxH aconteceu (após a solicitação do entrevistado para a mudança de “espaço”) no MSN (Windows Live Messenger).

palavras e expressões para “definir” a bissexualidade, as quais nos ajudam a confirmar esse olhar não naturalista/essencialista.

Sério40HxH diz:

está cada vez mais comum homens que nunca tiveram experiências com outros homens descobrir essa possibilidade, não excluindo a forma tradicional

falo com pessoas íntimas, amigos, irmãs

Estudante diz:

e pq nam com pessoas nam intimas?

Sério40HxH diz:

porque a gente tem que se preservar. acho que é uma evolução no comportamento, a sociedade está mais tolerante com os homos, e os meios de comunicação, principalmente a net contribui para concretizar essa possibilidade

ainda não é aceito como uma forma de amar

Estudante diz:

então... e as pessoas mais próximas a vc... o que dizem sobre ...

mas para vc é uma forma de amar?

ou é apenas sexo?

Sério40HxH diz:

aceitam porque me respeitam

é uma possibilidade a mais que os homens têm de encontrar a pessoa certa

Estudante diz:

então elas aceitam vc e nam a orientação em si!?

Sério40HxH diz:

não interessa discutir a orientação mesmo porque eu não vou discutir a heterossexualidade porque acho que "ela" não existe

acho que existem tendências

Quadro 07 – Respostas de Sério40HxH ao questionamento sobre a “declaração” da prática sexual.

Há no discurso de Sério40HxH sobre a bissexualidade, no jogo com as palavras “tradicional” vs. “futuro” (quadro 07), uma tentativa de negação da heterossexualidade como a única prática sexual possível e o dito que nos dias atuais há a tendência a outras experiências sexuais que vão além da heterossexual. Para ele, a bissexualidade é apresentada como uma “evolução”, em relação a uma “forma tradicional” (a heterossexualidade). Portanto, verificamos que não há, nos comentários dos dois entrevistados, uma supremacia do discurso de naturalização, visto que nenhuma fala explícita a bissexualidade como “desvio”, diferentemente, a define como “possibilidade”. Pelo exposto, parece que a ideia sobre a bissexualidade é a de que é apenas uma prática sexual não tradicional que se constitui da descoberta de corpos, independente do sexo. Logo, é somente uma outra possibilidade de prazer, não de amar/amor. É uma experiência que está se tornando tendência e gerando evolução no comportamento sexual, devendo ser encarada como o sexo do futuro. Por outro lado, devemos tentar compreender o que significa dizer que a bissexualidade “ainda não é aceita como uma forma de amar”, pois, ao mesmo tempo em que esse entrevistado nega a heterossexualidade enquanto realidade, quando diz “não vou discutir a heterossexualidade porque acho que ‘ela’ não existe”, parece enfatizar que, para tantos outros, ou para o senso comum, no tocante às relações afetivas, apenas deve existir a

prática heterossexual. Neste momento, imbrica-se ao seu discurso o discurso sobre a heterossexualidade como hegemônica.

Com esse outro fragmento da entrevista com THIAGO-WEB (veja quadro 08 abaixo), é também possível perceber que outro discurso existe (além do discurso das possibilidades), aquele expresso com o uso das metáforas “grilo” e “entrar em pane”, as quais mapeam/apontam outros significados acerca da bissexualidade. Desta maneira, esse entrevistado deixa dito que, diferentemente de sua visão/vivência da prática bissexual, outros são bissexuais em confronto/luta com a heterossexualidade. Com isso, diz que a bissexualidade também se configura como uma identidade sexual em conflitos causados por uma ideia que se quer hegemônica, arraigada no senso comum, a naturalização da prática sexual hétero.

- (11:47:33) **Estudante** (*reservadamente*) fala para **THIAGO-WEB**: vc assume a sua bissexualidade?
(11:47:47) **THIAGO-WEB** (*reservadamente*) fala para **Estudante**: Assumo para mim.
(11:49:09) **THIAGO-WEB** (*reservadamente*) fala para **Estudante**: Ser bem resolvido sobre o tema.
(11:49:57) **THIAGO-WEB** (*reservadamente*) fala para **Estudante**: N tenho nenhum grilo.
(11:52:04) **Estudante** (*reservadamente*) fala para **THIAGO-WEB**: eae ... Conhece algum cara com esse grilo...? O q seria esse tal grilo!?
(11:53:19) **THIAGO-WEB** (*reservadamente*) fala para **Estudante**: Sim.
(11:54:06) **THIAGO-WEB** (*reservadamente*) fala para **Estudante**: Conheço pessoas q sofrem. Entam em pane por acha q seja preciso uma definição: ser ou não ser hetero.
(11:54:30) **Estudante** (*reservadamente*) fala para **THIAGO-WEB**: ah... E vc ... Naum passou por esse grilo...
(11:54:51) **THIAGO-WEB** (*reservadamente*) fala para **Estudante**: Por enquanto naum.
(11:55:12) **Estudante** (*reservadamente*) fala para **THIAGO-WEB**: e vc atribui isso a que?
(11:55:45) **THIAGO-WEB** (*reservadamente*) fala para **Estudante**: Penso q é uma questão de maturidade quanto à questão.

Quadro 08 – Respostas de THIAGO_WEB ao questionamento sobre a “declaração” da prática sexual.

Ainda nos fragmentos antes expostos, podemos refletir sobre a identificação desses atores sociais com os discursos apresentados. No arcabouço teórico-metodológico da ACD, o significado identificacional pode ser interpretado a partir da análise do estilo, entendido como o aspecto discursivo de identidades. Na releitura que Fairclough (2003) faz da Linguística Sistêmico-funcional, aconselha observar três aspectos linguísticos, quais sejam, a avaliação, a modalidade e as metáforas.

Quando se refere à avaliação, diz que as escolhas lexicais e morfossintáticas dão um tom ao o que é dito, ou seja, apresentam a valoração do sujeito do discurso sobre o objeto falado. Para esse pesquisador, a avaliação pode ser marcada subjetivamente pelo uso da pessoa do discurso e pelas escolhas verbais. Assim, podemos pensar que a fala “N tenho nenhum grilo”, de THIAGO_WEB, pode ser reveladora de uma avaliação positiva que o sujeito tem de sua identidade sexual, além de explicitar com o uso da 1ª pessoa do singular, a particularidade da posição assumida. Essa particularidade é também marcada nas falas de Sérgio40HxH pela escolha do oblíquo de “eu” (mim) regido pela preposição “para”, nas falas “Para mim é prazer.” e “Para mim é o sexo do futuro”. A avaliação também pode se dá através de um significado presumido, quando

se deixa ver a avaliação de outros, que necessariamente não é a sua, como em “Então em pane por acha q seja preciso uma definição: ser ou não ser hetero.”, de THIAGO_WEB, quando retoma o termo “pessoas”, da oração anterior, pelo processo de elipse. Fala da 3ª pessoa, e assim indica a existência desse modo de ser bissexual em conflito, ao mesmo tempo em que parece se afastar dele.

Quanto à modalidade do discurso, outras partes da conversa podem ser úteis para pensar o comprometimento com o dito sobre a bissexualidade. A partir dos processos mentais “penso q...” , “acho q ...” e “acredito q...”, como em “Acho que elas podem existir sem que uma exclua a outra⁷.”, de Sérgio40HxH e também da escolha da primeira pessoa do singular, entendemos que há a particularização do dito, visto que os processos são de atividades cognitivas na percepção do fenômeno. Desse modo, esse discurso sobre a bissexualidade particulariza a percepção acerca dessa prática sexual. A análise pode se estender para o uso dos adjuntos adverbiais, úteis na função sintática para intensificar ou modificar sentidos, como o adverbial de tempo “ainda”, em “comportamento *ainda* não aceito”, na fala de Sérgio40HxH. Essa escolha morfossintática aponta para uma ideia de futuro, já explicitada nas escolhas das palavras. Na fala de THIAGO_WEB, quando comenta sobre a existência ou não de conflitos, em relação à “escolha” bissexual, aparece o adverbial de tempo “por enquanto”, o qual diminui o poder de “naum”, em “Por enquanto naum”. Ao diminuir o sentido de “naum”, o entrevistado deixa ver que a identidade sexual comentada é por ele pensada como provisória e, assim, deixa supor que é possível existir conflitos em sua vivência dessa prática sexual.

5. Algumas considerações

Como explicitado na introdução deste artigo, nossa intenção é a de olhar para a vida social e os sentidos que a ressignificam na contemporaneidade. Nesta direção, nossa discussão se propôs a estudar os significados apresentados pelos próprios bissexuais sobre a bissexualidade masculina e, a partir destes, tecer considerações acerca da (re)organização desta identidade sexual. Assim, um dos primeiros interesses elencados no texto é o de apontar, mesmo que minimamente, quem são os sujeitos desta pesquisa. Pelas interpretações aqui desenvolvidas, frutos de nossa tentativa de um olhar etnográfico, podemos afirmar que os sujeitos entrevistados fazem parte de um grupo que acessa salas de bate-papo com um forte interesse sexual; com um grande interesse bissexual, como demonstrado nos quadros 01 e 02, nos quais analisamos as falas e os *nicks* usados, pois, é nesse espaço virtual, o das conversas tecladas, como compreendemos com Seffner (2003), que eles podem experimentar e revelar a bissexualidade.

No que se refere ao nosso foco de estudos, os significados sobre a bissexualidade pelos próprios bissexuais entrevistados, tecemos considerações sobre as nossas interpretações apresentadas nos quadros 06, 07 e 08. Essas interpretações são compreensões dos significados representacional e identificacional da bissexualidade

⁷ Sugerimos que essa leitura leve em consideração que as escolhas morfossintáticas aqui destacadas devem ser entendidas também como pertencentes ao estilo do gênero discursivo entrevista.

masculina, i. e. são modos de enxergar o dito nas entrevistas e o comprometimento com esse dito. A partir da análise das escolhas de palavras e expressões para dizer a bissexualidade, entendemos que o sentido instituído para essa prática sexual rompe com a percepção do determinismo biológico; rompe com a ideia de essência e naturalidade da identidade sexual. Desta forma, THIAGO-WEB e SÉRIO40HxH apresentam a bissexualidade como uma outra possibilidade na prática sexual, negando a heterossexualidade como a única prática sexual possível. Mais que isso, deixam entender que essa prática sexual é considerada como uma “evolução” em relação à heterossexualidade, percebida como prática sexual tradicional.

Ainda quando dizem a bissexualidade, trazem imbricado aos seus discursos o discurso da heterossexualidade como prática hegemônica. Esse outro discurso aparece para evidenciar que os outros (o senso comum e mesmo alguns outros bissexuais) não veem a bissexualidade como forma de amor/amar e que a ideia da biologização ainda provoca conflitos em sujeitos bissexuais. Entretanto, os dois entrevistados se afastam do sentido de desvio que essa identidade ainda assume no seio social. Esse afastamento também está claro porque eles representam essa prática sexual através de uma avaliação positiva. Mesmo assim, quando expressam o comprometimento com o dito sobre a bissexualidade, evidencia-se a provisoriedade do não conflito.

Em relação ao exposto, consideramos importante refletir que esses dizeres são fruto da imagem que esses sujeitos de uma identidade sexual ainda marginalizada tem de si, e do outro, o pesquisador, e também da situação, uma conversa para coleta de dados em pesquisa. Logo, o espaço e o momento do dizer propiciaram a chance de fazer ver a bissexualidade pelo ângulo da não marginalização, visto que compreendem que o dizer terá outros olhos e ouvidos, além dos do pesquisador. Finalmente, consideramos que através dos comentários sobre a bissexualidade, há a construção de uma imagem de uma identidade sexual que resiste à hegemonia da heterossexualidade. Todavia, consideramos que o dito pelos bissexuais nas entrevistas muito mais do que resistir à heterossexualidade, visto que também são heterossexuais, forja um projeto de identidade, aquele no qual a bissexualidade é apenas mais uma opção de prática sexual, além das comumente percebidas: a heterossexualidade e a homossexualidade. Nesse projeto identitário, os bissexuais redefinem sua posição no espaço social, pois se apresentam não mais como “desviados”. Assim, a partir desses comentários estão constituindo um recurso na luta por mudanças sociais; estão lutando por menos assimetrias no que tange à prática sexual.

Referências

- ANJOS, Gabriele dos. identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 2, nº 4, jul/dez 2000, p.274-305.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal** [tradução de Maria Ermanita Galvão G. Pereira]. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DEFILLIPPO, Juliana e CUNHA, Patrícia. Por que *nickname* escreve mais que *realname*? Uma reflexão sobre gêneros do discurso. In: FREITA, Maria Tereza A. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 97-115.

- FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse: textual analysis for social research.** London: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, Emília. R (Org.). **Análise Crítica do Discurso.** Lisboa: Editorial Caminho, 1997. p. 77-103.
- FERNANDES, Claudia Sousa. **Representações e construção da identidade do professor de inglês.** Dissertação [Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem]: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2006
- FERNANDES, Magda. “Alguém Afim de Tc Comigo?” (refletindo a família e as relações de gênero no ambiente virtual). Disponível em:
<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_Gen_ST30_Fernandes_texto.pdf>. Acesso em agosto de 2008.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, estratégias de linguagem e produção de sujeitos. In: CANDAU, V. M. (et. al.). **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.75-88.
- GIDDENS, Antony. **As Conseqüências da Modernidade.** São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- GOFFMAN, Erving. *Footing.* RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. M.(Orgs.). **Sociolinguística Interacional.** 2ª Ed. São Paulo: Edições Loyola. 2002. p. 107-148.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 4ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HOFFNAGEL, Judith. Linguagem e construção da identidade de gênero. **Revista do GT Linguística de Texto e Análise da Conversação.** Nº 00, p. 78-84, jun/2006.
- LOPES, Iveuta. A. **Cenas de Letramento sociais.** Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2006.
- MEURER, José Luiz. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L. e MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros Textuais.** Bauru, SP: EDUSC, 2002. p. 17-29.
- MEURER, José Luiz. Gêneros Textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, José Luiz, BONINI, Adair e MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros – teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 81-106.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça e profissão na escola e na família.** Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2003.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. Discursos sobre gays em uma sala de aula no Rio de Janeiro: é possível queer os contextos de letramento escolar? In: **A questão social no novo milênio.** Anais do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 2004.
- RESENDE, Viviane e RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica.** São Paulo: Contexto, 2006.
- ROCHA, Paula Jung e MONTARDO, Sandra Portela Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. **e-compós.** Dezembro de 2005. Disponível em: www.compos.com.br/e-compos. Acesso em maio de 2007.
- SÁ, Simone Pereira. Netnografias nas redes digitais. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho tecnologia informacionais de Comunicação e Sociedade, **X Compós,** UNB, Brasília, 2001.
- SANTOS FILHO, Ismar Inácio. A Construção Discursiva *On-line* da Bissexualidade Masculina – identidade de resistência e projeção? In: **Anais do Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades.** Campina Grande: Realize Editora, 2008.
- SEFFNER, Fernando. **Representações da masculinidade bissexual: um estudo a partir dos informantes da Rede Bis - Brasil.** In: CÁCERES, Carlos Fernando (at. al.). *Ciudadania Sexual en America Latina: abriendo el debate.* Lima, Peru: Universidad Peruana Cayetano Heredia, 2004, p. 219-238.

Aula de Português: tal sujeito, quais linguagens?

UESC
ILHÉUS
BAHIA
BRASIL

19 a 21
MAIO
2008

III Seminário
de Língua Portuguesa
e Ensino

I Colóquio
de Lingüística,
Discurso e
Identidade

SILVA, Valdeci Gonçalves. **Faca de dois gumes: percepções da bissexualidade masculina em João Pessoa**. Dissertação [Mestrado em Sociologia]. Universidade Federal da Paraíba. 1999.

VAN DIJK, Teun. Critical Discourse Analysis. In: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON Heidi E. **The Handbook of Discourse Analysis**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 352-371.